

# BOLETIM DO PORTAL HISTÓRIA DA PSICOLOGIA 2

ORGANIZADORES

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

GUNTHER MAFRA GUIMARÃES

MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS

YURI PEREIRA ANTUNES VIEIRA

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro

Gunther Mafra Guimarães

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

# Boletim do Portal História da Psicologia 2

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ

2023

Editora do Portal História da Psicologia

A editora do Portal História da Psicologia é parte integrante do  
Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

André Elias Morelli Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© 2023

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

**Editor Responsável:** André Elias Morelli Ribeiro

**Revisão final:** Gunther Mafra Guimarães

**Capa:** André Elias Morelli Ribeiro, com imagens geradas pelo Microsoft Designer AI

**Projeto gráfico e diagramação:** André Elias Morelli Ribeiro

#### Ficha Catalográfica

B688

Boletim do Portal História da Psicologia 2 [recurso eletrônico] / Organização: André Elias Morelli Ribeiro... [et al.]. – Rio das Ostras, RJ : Editora do Portal História da Psicologia, 2023. 325p.

ISBN: 978-65-997325-2-2

DOI: 10.5281/zenodo.8392599

1. História da Psicologia. 2. História da Psiquiatria I. Ribeiro, André Elias Morelli.

CDD 150.9

Ficha catalográfica elaborada por Janaine de Sá - CRB-7/7270

# Sumário

Apresentação VI

## Verbetes

A História da Psicologia no Brasil e suas Relações com o Contexto Sociocultural 16  
Manuel Bomfim 80  
Antonio Gomes Penna 93  
Lacan 136

## Artigo original

Vida, Obras e Ideias de Wilhelm Maximilian Wundt 163

## Traduções

O Que é uma História Policêntrica da Psicologia? 191  
Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia 214  
Presentismo e Diversidade na História da Psicologia 230

## Tradução de Clássico

Definição de idiotia e imbecilidade 258  
Comentários ao texto “Definição de idiotia e imbecilidade”, de Binet e Simon 280

## Relatos

XV Encontro Clio-Psyché e VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia: memórias, reencontros e afetos... 294

Entre a solidão e os encontros nas pesquisas em História dos  
Saberes Psi 297

Lista de Autores 317

Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia 322

# Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia

*Kurt Danziger*

*Tradução de Artur Medeiros Leite*

*Revisão da tradução de André Elias Morelli Ribeiro*

## Resumo

As histórias mais influentes da psicologia tendem a adotar a perspectiva de um centro específico de desenvolvimento psicológico, na maioria das vezes os EUA, com os desenvolvimentos em outros locais formando uma espécie de periferia. Conceitualizações e práticas favorecidas pelas condições sociais do centro são tratadas como princípios fundamentais universalmente válidos da disciplina, enquanto o conhecimento que emerge na periferia é frequentemente reconhecido apenas com significância local. Mais recentemente, este modelo tornou-se difícil de se sustentar, e a história do campo é mais facilmente observada se for em termos de uma interação entre vários centros focais. Tal perspectiva leva a uma análise da forma como a geração, transmissão e aplicação do conhecimento psicológico tem sido moldada pelas relações de poder, bem como por preconceitos e barreiras culturais. Uma história policêntrica tem uma relevância considerável para os desenvolvimentos atuais no âmbito da disciplina.

Existe uma história da psicologia? Será que existe uma narrativa linear definitiva começando com as origens da especulação psicológica na Grécia Antiga, seu longo aprisionamento no discurso

filosófico da Europa medieval e pós-medieval, a sua libertação pelos métodos laboratoriais do século XIX, e o seu florescimento na América do século XX? Muitos livros escolares americanos seguiram esse caminho histórico. No entanto, há várias razões pelas quais este caminho é enganador. Por um lado, a psicologia, no sentido disciplinar moderno, tem uma presença histórica relativamente breve - cerca de um século. Mesmo o uso do termo "psicologia" para distinguir um determinado assunto não é muito mais antigo do que isso - em inglês, apenas meio século mais velho. Cabe aos historiadores, portanto, escolher o que deve ser incluído e excluído da história de uma matéria que não foi reconhecida como tal durante a maior parte da sua história. As suas escolhas serão obviamente afetadas pelos seus interesses atuais, pelos seus horizontes intelectuais e pelos seus preconceitos. A narrativa linear da história da psicologia é criação dos historiadores - não é o reflexo de um curso inequívoco de acontecimentos. Por esta razão, um proeminente historiador britânico do assunto sugeriu que "a história da psicologia deveria ser abandonada" (Smith, 1988).

Existe outra razão pela qual não pode existir tal coisa como a história da psicologia, mesmo se nos restringirmos à psicologia moderna. Esta disciplina não se desenvolveu a partir de uma única semente que brotou em um local específico, e certamente não do laboratório de Wundt em Leipzig. A psicologia americana do século XX representa uma ruptura praticamente completa com tudo o que Wundt representava, a começar pela sua insistência em que a psicologia permanecesse filiada à filosofia. É preciso ir ao laboratório antropométrico de Galton em Londres, à clínica de Charcot em Paris, ao *Bureau of Salesmanship Research* do Instituto

Carnegie de Tecnologia em Pittsburgh, e a muitos outros lugares se quisermos realmente rastrear as raízes da psicologia moderna. Diferentes versões da psicologia moderna apareceram mais ou menos ao mesmo tempo em vários países. Estas versões também não foram objeto de uma fusão progressiva. Pelo contrário, durante as três décadas entre 1915 e 1945, a distância entre as diferentes psicologias nacionais não se estreitou, alargou-se. Portanto, é apenas privilegiando certos desenvolvimentos locais em detrimento de outros que é possível construir algo como a história da psicologia, mesmo para o século mais recente.

Mas quais desenvolvimentos locais serão destacados desta forma? Quais métodos determinarão essa escolha? No passado, dois critérios desempenharam um papel proeminente. Primeiro, havia a filiação do historiador com uma parte específica da disciplina, uma filiação que poderia facilmente levá-lo a atribuir um papel central, unificador, a essa parte, substituindo até mesmo a história dessa parte pela história do campo como um todo. Um exemplo bem conhecido é apresentado em *A History of Experimental Psychology* [Uma História da Psicologia Experimental] de Edwin Boring, publicado em 1950, onde os aspectos experimentais tradicionais da disciplina estão no centro das atenções e todo o resto se torna uma questão de interesse meramente periférico. Tem sido sugerido que este viés estava ligado ao envolvimento do autor em políticas intra-disciplinares, e que ele representava os interesses dos experimentalistas (O'Donnell, 1979).

Mas a ênfase numa parte da disciplina às custas do resto não forneceu o único nem o mais importante critério para privilegiar

certos desenvolvimentos históricos. Um segundo critério tem a sua fonte na diversidade nacional da psicologia, o que dá margem a relatos históricos organizados em torno de uma determinada tradição nacional. Desde que este viés seja explícito, não há nada de questionável nele.

Todavia, uma complicação grave é introduzida pelo desenvolvimento nacional extremamente desigual da psicologia moderna. Na maioria dos países, a disciplina teve dificuldades em se estabelecer. Uma grande exceção foram os EUA. Ao longo do século XX, a psicologia floresceu ali como em nenhum outro lugar. A emergência da predominância econômica e militar dos Estados Unidos, junto da devastação das guerras e dos desastres políticos na Europa e em outros locais, resultou em uma posição dominante da psicologia estadunidense em escala mundial. O fato de a disciplina parecer ter um centro geográfico reconhecível impôs uma estrutura particular à sua historiografia (Danziger, 1991). Os manuais americanos sobre a história da psicologia poderiam ignorar praticamente tudo fora dos EUA e ainda assim afirmar, com algum grau de plausibilidade, que estavam a apresentar não uma história da psicologia estadunidense, mas uma história da psicologia moderna enquanto tal. Outras histórias com base nacional teriam de aceitar suas posições de histórias meramente locais. Contudo, uma história de psicologia que sai da sua perspectiva dos desenvolvimentos americanos é tanto uma história local quanto uma história sem sua perspectiva dos desenvolvimentos como, por exemplo, no Japão ou na Índia.

O tempo em que isso poderia passar despercebido já passou. Isso se deve ao declínio gradual da predominância norte-americana

e à proeminência relativamente maior de vários outros centros de atividade disciplinar significativa. Como resultado, a imagem de uma disciplina que tem um centro geograficamente definido está desaparecendo rapidamente. O modelo de centro e periferia está sendo substituído por um modelo policêntrico (ver, por exemplo, Moghaddam, 1987).

De certa forma, a psicologia moderna está regressando ao lugar onde começou: uma posição policêntrica, na qual existem centros diversos, mas intercomunicantes, de trabalho psicológico que refletem uma diversidade de condições e tradições locais (Danziger, 1991). À medida que esses centros emergem contra um pano de fundo histórico recente de dominação de um centro, eles sentem, antes de tudo, a necessidade de definir sua própria identidade histórica. Isso assume frequentemente a forma de uma história "contribucionista", na qual figuras locais recebem o seu devido reconhecimento. A seu tempo, porém, ocorre algo análogo ao que Woodward (1994: 203), falando de historiografia feminista, tem referido como "uma mudança da Gestalt de buscar predecessores e modelos para construir a ciência de forma diferente". O que isso significa?

Primeiramente, é necessário reconhecer que a metáfora do centro e da periferia se aplicava não só a nível geográfico, mas também do conteúdo conceitual e da metodologia. Implicava um modelo particular da estrutura interna da disciplina. Desde que esse modelo prevalecesse, os desenvolvimentos na periferia poderiam ser vistos como sujeitos a influências sociais locais, enquanto o centro representaria valores universais ou mesmo a racionalidade enquanto tal.

Certas áreas da disciplina, geralmente envolvendo compromissos metodológicos particulares, foram designadas como áreas “básicas” ou “nucleares”, e outras como áreas “de aplicação”. Nas áreas nucleares, a investigação experimental consistia em descobrir princípios universais de funcionamento psicológico, enquanto nas áreas periféricas, procedimentos menos rigorosos poderiam ser suficientes para estudar as manifestações locais destes princípios. Os princípios básicos foram sempre concebidos como a-sociais e a-históricos, e a sua investigação foi tipicamente conduzida de forma descontextualizada. Exemplos de tais princípios são as chamadas leis da aprendizagem ou os princípios da cognição. Supõe-se que não haja nada intrinsecamente social nessas leis e princípios; pensa-se que se aplicam a organismos e mentes individuais, independentemente do conteúdo social da aprendizagem ou da cognição. Presume-se desde já que as leis da aprendizagem e os princípios da cognição são os mesmos em todos os lugares e em todos os momentos. Têm o mesmo tipo de universalidade que as leis e os princípios da química. No entanto, assim como na química, as condições locais podem afetar os resultados do seu funcionamento. Em psicologia, estas condições locais são frequentemente de natureza social. Por isso, obtemos um modelo dualista: por um lado, processos básicos, que são considerados como características inerentes de organismos individuais e mentes individuais e, por outro lado, condições sociais locais que afetam as manifestações específicas destes processos. O núcleo da ciência psicológica é constituído pela investigação de processos básicos universalmente válidos; o estudo da psicologia humana no contexto social e histórico, no entanto, é considerado periférico a este esforço

central, menos importante porque os seus resultados não são universalmente generalizáveis.

Houve sempre um paralelismo muito marcado entre o núcleo e a periferia a nível da geografia e a do conteúdo disciplinar. As pessoas da periferia geográfica normalmente não dispunham de recursos para montar grandes investigações de processos básicos. Esse tipo de coisa geralmente continuava sendo uma prerrogativa dos que se encontravam no centro geográfico. Os que se encontravam na periferia geográfica normalmente tinham de se contentar em estar também na periferia científica. Se reivindicassem a validade universal das suas descobertas, poderiam esperar que essas reivindicações fossem ignoradas. Mas mais frequentemente não fizeram tais afirmações; aceitando a liderança de um centro distante, atribuíram ao seu próprio trabalho um significado puramente periférico em termos da disciplina como um todo. Eles assumiam as categorias conceituais e os imperativos metodológicos do centro e tentavam o seu melhor para os aplicar em condições locais que diferiam profundamente das que prevaleciam no centro. Estavam sujeitos às limitações impostas por aquilo a que por vezes se chamou uma "consciência emprestada" (Easton, 1991).

Em anos mais recentes esta situação mudou a ponto de a estrutura da disciplina, tanto a nível conceitual quanto a nível geográfico, já não estar em conformidade com o modelo de um centro preeminente e da sua periferia. Eu já discuti a descentralização geográfica. Conceitualmente, a disciplina foi fracionada em numerosos subcampos que, na sua maioria, têm pouquíssimas ideias em comum. A era da "grande teoria", quando um único conjunto de princípios unificava a disciplina, já passou há

muito tempo. Mesmo ao nível da metodologia, que sempre uniu a disciplina de maneira muito mais eficaz do que qualquer teoria, há fortes sinais de um ecletismo em avanço e de uma crescente receptividade a procedimentos que outrora foram considerados inaceitáveis.

Creio que as mudanças na historiografia da psicologia devem ser vistas à luz destes desenvolvimentos. É dito que cada época tem de escrever o seu próprio tipo de história. Se for esse o caso, a historiografia policêntrica que agora emerge parece certamente apropriada para a nossa era de descentralização crescente, tanto a nível geográfico quanto conceitual. Esta mudança para uma compreensão policêntrica da história da disciplina favoreceu uma mudança para uma historiografia mais contextualista. Enquanto houvesse uma equação de uma verdade gerada localmente com a verdade enquanto tal, a questão das raízes sociais dessa verdade não era passível de ser colocada. Mas com o fim do privilégio, tanto a nível geográfico quanto conceitual, a inteligibilidade dos relatos alternativos repousa em vê-los nos termos do seu contexto social.

Para uma historiografia policêntrica, a questão de como caracterizar o contexto social torna-se, assim, crucial. Aqui há duas tentações, que são na realidade duas faces da mesma moeda, as quais penso que se deve resistir. Uma tentação é adotar o discurso popular da modernização e escrever a história da psicologia mundial em termos da marcha progressiva da psicologia científica, ou seja, modernista. O que este tipo de relato ignora é que a modernidade não vem num único modelo, que é sempre a versão de alguém moderno, seja estadunidense, japonês, alemão, russo, ou o que quer

que seja. Em cada caso, as características culturais locais foram incorporadas numa versão particular do modernismo. Não existe um tal moderno transcendente, que flutua acima de todas as culturas locais.

O outro lado desta moeda é formado por uma romantização das tradições locais, que ignora a interligação muito real das influências locais que sempre foi uma característica tão significativa da história da psicologia moderna. Existe uma grande diferença entre uma historiografia policêntrica da disciplina e a simples adição, em capítulos desconexos, de uma história local após outra. O que é necessário agora não é uma série de visões paroquiais, mas um enfoque nas inter-relações mutáveis entre os centros que constituíram a história mundial do sujeito no período moderno.

Devo salientar novamente que a "inter-relação entre centros" deve ser entendida tanto no sentido geográfico como no sentido de conteúdos particulares. Quando estudantes de muitos países migraram para Leipzig e para outros centros alemães no final do século XIX e início do século XX, e depois voltaram para casa com novas ideias, estabeleceram um padrão que deveria ser repetido ao longo da história moderna da disciplina, embora a direção da viagem tenha mudado. É claro que a busca de estudos formais no exterior era apenas uma via pela qual os vínculos internacionais eram estabelecidos.

Os livros eram traduzidos e comercializados, o dinheiro era investido em fundos para bolsas de estudo, os instrumentos eram exportados e importados, realizavam-se inúmeras conferências, e assim por diante. A longo prazo, nenhuma tradição local poderia ser

alheia a isto, mas o resultado também não foi uma homogeneização completa do discurso psicológico (Sloan, 1990).

Uma historiografia policêntrica deve tentar fazer justiça à complexidade de tais fenômenos. Para tal, deve trabalhar com categorias que procuram captar as inter-relações entre centros, em vez das características dos centros considerados isoladamente. A migração intelectual é talvez a mais óbvia destas categorias, não só em referência a pessoas, mas, mais significativamente, em referência a conceitos e práticas. O que aconteceu com os conceitos psicológicos, teorias, procedimentos, quando foram feitas tentativas de transplante? Por que é que alguns destes provaram ser viajantes muito melhores do que outros? Como é que viajar os mudou, por vezes para além do reconhecimento? Quem os considerou úteis e por quê? Há histórias de transferência bem-sucedidas para serem contadas aqui, mas também histórias de mal-entendidos, erros de tradução, incompreensão total e hostilidade direta que são muitas vezes mais esclarecedoras.

A ligação entre conhecimento e poder não pode ser ignorada ao considerar tais questões. Levantam-se questões sobre as circunstâncias em que a difusão de conhecimentos e práticas psicológicas modernistas pode ser vista como uma manifestação do imperialismo cultural. Tem-se observado que a proliferação da disciplina da psicologia em todo o mundo deve muito à "publicidade norte-americana do seu valor na sociedade" (Valsiner, 1996, p.129). Ao mesmo tempo, a conceitualização do contraste entre "nós", significando os modernizadores cientificamente iluminados, e "eles", significando os tradicionalistas atrasados, foi historicamente ligada ao papel desempenhado pela ciência social ocidental,

incluindo a psicologia, em projetos imperialistas (Staeuble, 1992). A forma como tais contrastes convergiram com certos padrões metodológicos nas ciências sociais começa agora a tornar-se aparente.

Outras questões referem-se a até que ponto a resistência a ideias importadas, uma espécie de protecionismo intelectual, moldou a história da psicologia moderna. Tal resistência desempenhou certamente um papel importante na história da psicologia moderna dos EUA. O seu primeiro meio século foi, afinal, um período de "indigenização" que resultou na americanização de conceitos e práticas originárias do clima intelectual e social muito diferente da Europa.

Nesta perspectiva, a história da psicologia moderna não pode ser considerada como um movimento unilinear do pré-moderno para o moderno (Mitchell & Abu-Lughod, 1993), onde o moderno é identificado como sendo científico, o pré-moderno como sendo pré-científico. As concepções do que significa ser científico em psicologia têm variado em diferentes momentos e em diferentes lugares (ver por exemplo Danziger, 1990; Dehue, 1995), e cada concepção do científico tem implicado uma concepção correspondente do não científico. É claro que é possível escrever um relato histórico em termos de desenvolvimentos lineares que conduzem a qualquer variante favorecida da cientificidade. Mas todos esses relatos sofrem de uma arbitrariedade fatal. Uma historiografia policêntrica os substituiria por estudos sobre o desenvolvimento de co-construções de diferentes versões da modernidade e da pré-modernidade.

Tais estudos teriam que romper com outra poderosa convenção da historiografia tradicional da psicologia, o seu marcante enfoque disciplinar. A história da psicologia moderna é geralmente identificada com a história da disciplina de psicologia, onde seus limites são definidos pelas estruturas organizacionais acadêmicas e profissionais, e não pelo assunto em si. Um tópico é considerado parte da história da psicologia moderna a depender de sua recepção por departamentos acadêmicos e associações profissionais. Mas isso também está sujeito a variações locais e temporais. Exemplos comuns de tópicos com estatuto variável são a psicanálise, a grafologia, a parapsicologia, e grande parte da psicologia social. No entanto, em vez de serem tomados como garantidas, as fronteiras organizacional e administrativamente impostas tornam-se um importante foco de investigação para uma historiografia policêntrica. As razões localmente variáveis para a construção de tais fronteiras e seus efeitos históricos constituem características importantes de desenvolvimentos variantes em diferentes partes do mundo. Claramente, quando a construção histórica de fronteiras disciplinares se torna objeto de investigação, a perspectiva de uma história puramente intradisciplinar tem de ser abandonada. Os estudos históricos poderão então contribuir para um resultado há muito esperado, nomeadamente, a "desparouquização das disciplinas" (Prewitt, 1996).

Isso levanta a questão da relação entre a disciplina e a sua história. É óbvio que a nova historiografia irá mudar esta relação. A historiografia linear mais antiga tomou as ciências naturais como modelo para a relação entre a história e o conteúdo disciplinar. Nas ciências naturais, realizações teóricas e práticas investigativas são

geralmente consideradas independentes da cultura local. Por conseguinte, a história de uma ciência, especialmente a sua história social, é vista como irrelevante para as questões atuais dessa ciência. Um físico não precisa de ser esclarecido sobre a história da física para ser um bom físico. Nas ciências sociais, contudo, a reivindicação da independência de categorias científicas de tradições culturais específicas é bastante menos plausível. O sujeito e o objeto de estudo estão geralmente ligados por entendimentos culturais comuns que são o produto de uma certa experiência histórica. A relação entre as ciências sociais atuais e os estudos históricos é, portanto, potencialmente mais próxima do que no caso das ciências naturais (Danziger, 1994).

Uma historiografia policêntrica da psicologia teria de explorar a dependência histórica das categorias e procedimentos da psicologia científica das crenças culturalmente enraizadas e das formas locais de prática institucionalizada (Danziger, 1997). É provável que isso reforce as tendências existentes na direção de uma forma de prática disciplinar menos autocrática e mais autorreflexiva. Mas a localização é apenas um lado do processo histórico. O outro lado envolve a interação de centros e a consequente emergência de entendimentos comuns, bem como uma diferenciação renovada. No passado, certas categorias de discurso psicológico geradas localmente eram frequentemente consideradas como as únicas descrições verdadeiras dos atributos universais de uma "natureza humana" atemporal. Na medida em que foram incorporadas na metodologia a-histórica da chamada "psicologia transcultural", eram imunes à refutação empírica. Uma abordagem diferente da história da psicologia, contudo, oferece a possibilidade de uma outra

perspectiva sobre a questão da universalidade dos fenômenos psicológicos. Embora seja errado começar por tomar tal universalidade como certa, pode-se tratá-la como um resultado possível de condições históricas específicas que estão abertas à investigação. "Os significados trans-sociais emergem não como resultado de truques metodológicos, mas de um processo histórico real" (Stompka, 1990). A psicologia moderna, com suas categorias e métodos universalizantes, pode muito bem receber um papel significativo nesse processo. A nova historiografia está bem-posicionada para investigar tais questões.

Assim, o afastamento de uma história linear unifocal para uma história policêntrica socialmente contextualizada não é uma questão de interesse apenas para os aficionados no estudo de antiguidades. Implica uma forte ligação entre a reflexão histórica e a prática atual, e irá aproximar muito mais a identificação da psicologia das ciências sócio-históricas do que das ciências naturais. Em última análise, isso envolve uma historicização há muito esperada do conhecimento psicológico.

## **Nota**

Versão revista e alargada de uma comunicação apresentada no 26º Congresso Internacional de Psicologia em Montreal, Agosto de 1996.

## **Referências**

Boring, E.G. (1950). *A history of experimental psychology*, 2nd ed. New York: Appleton-CenturyCrofts.

Danziger, K. (1990). *Constructing the subject: Historical origins of psychological research*. New York: Cambridge University Press.

Danziger, K. (1991). Introduction: Special issue on new developments in the history of psychology. *History of the Human Sciences*, 4, 327-333.

Danziger, K. (1994). Does the history of psychology have a future? *Theory & Psychology*, 4, 467-484.

Danziger, K. (1997). *Naming the mind: How psychology found its language*. London: Sage.

Dehue, T. (1995). *Changing the rules: Psychology in the Netherlands, 1900-1985*. New York: Cambridge University Press.

Easton, D. (1991). The division, integration and transfer of knowledge. In D. Easton and C.S. Schelling (Eds.), *Divided knowledge: Across disciplines, across cultures* (pp. 7-36). Newbury Park, CA: Sage.

Mitchell, T. and Abu-Lughod, L. (1993). Questions of modernity. *SSRC Items*, 47 (4), 79-83.

Moghaddam, F.M. (1987). Psychology in the three worlds: As reflected by the crisis in social psychology and the move toward

indigenous Third World psychology. *American Psychologist*, 42, 912-920.

O'Donnell, J.M. (1979). The crisis of experimentation in the 1920's: E.G. Boring and his uses of history. *American Psychologist*, 34, 289-295.

Prewitt, K. (1996). Presidential items. *SSHRC Items*, 50 (1), 15-18.

Sloan, T.S. (1990). Psychology for the Third World? *Journal of Social Issues*, 46, 1-20.

Smith, R. (1988). Does the history of psychology have a subject? *History of the Human Sciences*, 1, 147-177.

Staeuble, I. (1992). Wir und die Anderen: Ethnopsychologische Konstruktionen im Wandel. *Psychologie und Geschichte*, 4, 140-157.

Stompka, P. (1990). Conceptual frameworks in comparative inquiry: Divergent or convergent? In M. Albrow & E. King (Eds.), *Globalization, knowledge and society* (pp. 47-58). London: Sage.

Valsiner, J. (1996). An international journal from Africa. *Culture & Psychology*, 2, 129-134.

Woodward, W.R. (1994). Beyond the white male cannon: Teaching postcolonial history of psychology. *Psychologie und Geschichte*, 6, 200-211.

# Lista de Autores

## Pesquisadores

Adrian Brock

PhD em psicologia pela York University em Toronto, Canada e atualmente aposentado, foi docente na Oglethorpe University in Atlanta, University College Dublin, Irlanda, e Universidade de Cape Town, África do Sul. Autor de inúmeros livros, artigos, análises, entre outros, tem uma vasta e importante obra para a história da psicologia.

André Elias Morelli Ribeiro

Docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). É doutor em psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e coordenador do projeto Portal História da Psicologia, além de ser o editor da Editora do Portal História da Psicologia.

Carolina Silva Bandeira de Melo

Docente na Universidade Federal de Viçosa, é doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em cotutela com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Daniele Corrêa Ribeiro

Coordenadora do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, é historiadora e História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.

Kurt Danziger

É considerado um dos maiores historiadores da psicologia, com uma vasta obra reconhecida internacionalmente e tida como central para o desenvolvimento do campo da história da psicologia. Atualmente está aposentado.

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE), é doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além de sua produção acadêmica, participa de várias Sociedades e Associações científicas no campo da história da psicologia.

Regina Helena de Freitas Campos

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, atua e atuou em vários programas de pós-graduação. Fundadora da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Em 2018, recebeu prêmio do Conselho Federal de Psicologia por sua contribuição à construção da profissão de psicóloga no Brasil. Em 2020, foi contemplada com o *Career Achievement Award* concedido pela Society for the History of Psychology, Division 26 da American

Psychological Association, por sua contribuição à pesquisa em história da psicologia. Já publicou 72 artigos científicos, 65 capítulos de livro, e escreveu ou organizou 27 livros. Orientou até o presente 26 teses de doutorado e 23 dissertações de mestrado. É membro do Conselho Editorial dos periódicos *History of Psychology*, *Psicologia e Sociedade*, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *Memorandum*, entre outros.

Wilma Fernandes Mascarenhas

Faz mestrado em história das ciências no programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), atua no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Rio de Janeiro.

### **Discentes e Outros Colaboradores**

Alessandra Costa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Artur Medeiros Leite

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo

Gabriel Siqueira Alves

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isadora Melquiades Santos Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jessica de França Santana

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Júlia Fernandes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Júlia Tavares Chahestian

Discente de psicologia na Universidade Federal de São Carlos

Kamilly Gomes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Maria Clara Ribeiro Colli  
Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em  
Rio das Ostras